

HUMILHAÇÃO E EXALTAÇÃO:

Anotações exegéticas em Filipenses 2.6-11

Marcelo Pereira da Silva¹
Gelci André Colli²

RESUMO

Entende-se por exegese o estudo cuidadoso e sistemático das Escrituras para descobrir o significado original que foi pretendido pelo autor do texto. A Carta aos Filipenses é em muitos aspectos a mais bela carta de Paulo, pode-se perceber nela a ternura, gratidão, calor e afeição pelos destinatários. A igreja de Filipos foi a primeira igreja cristã fundada na Europa, sendo fruto da obra da segunda viagem missionária de Paulo. Os cristãos dessa localidade estavam passando por algumas dificuldades por seguirem o evangelho de Cristo. Sofriam perseguições políticas, havia problemas internos na igreja como a desunião e também problemas teológicos. Paulo demonstra preocupação em ensinar aos filipenses alguns pontos importantes da teologia cristã. Tais ensinamentos tornam-se base para a discussão de conceitos relevantes na teologia atual.

Palavras-chave: Exegese – Filipenses - Teologia.

ABSTRACT

It is understood by the exegesis careful and systematic study of Scripture to discover the original meaning which was intended by the author of the text. The Letter to the Philippians is in many ways the most beautiful letter from Paul, one can see her tenderness, gratitude, warmth and affection for the recipients. The Philippian church was the first Christian church established in Europe, being the result of the work of the second missionary journey of Paul. Christians of this town were going through some difficulties for following the gospel of Christ. Suffered political persecution, there were internal problems in the church as well disunity and theological problems. Paul demonstrates

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná. Curitiba/PR, 2009. Pós-graduado em Exegese, Teologia e Interpretação Bíblica pela FABAPAR.

² Doutor em Teologia pelo PPG das Faculdades EST de São Leopoldo/RS. Mestre em Ciências da Religião pela UEMSP de São Bernardo do Campo/SP. Professor na Faculdade Cristã de Curitiba/PR.



concern for the Philippians teach some important points of Christian theology. Such teachings become the basis for discussion of relevant concepts in current theology.

Keywords: Exegesis – Philippians - Theology.

INTRODUÇÃO

Pressupõe-se que os livros bíblicos tiveram autores e leitores, sendo a questão fundamental na exegese: qual o significado que o autor bíblico queria comunicar? Considerando-se fazer uma exegese de um texto do Novo Testamento, deve-se entender o que o autor disse e porque ele disse, usando para tanto diversas ferramentas e leitura secundária além do texto.

Este trabalho se propõe a apresentar um estudo exegético do texto de Filipenses 2.6-11, buscando extrair o seu real significado com base no princípio de fidelidade às Sagradas Escrituras. Esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar o texto, todavia, propõe-se a explorá-lo buscando assim entender o pensamento do autor ao escrevê-lo e sugerir qual a correta aplicação de sua mensagem para a igreja dos dias atuais.

Ao pretender fazer a exegese do referido texto tem-se em mente a importância do tema abordado por Paulo, sendo um escrito de grande importância teológica, pois define a questão da divindade e natureza de Cristo, bem como sua missão terrena.

1. DELIMITAÇÃO DO TEXTO

A delimitação do texto se faz necessária para que haja a melhor compreensão do próprio texto e para que se tenha um sentido de totalidade no texto escolhido. A delimitação do texto a ser traduzido é imprescindível, uma vez que no original não havia divisões do texto. Estas divisões que foram feitas por tradutores auxiliam o manuseio das Escrituras, contudo também podem atrapalhar a encontrar a unidade de pensamento do autor bíblico.



Para delimitar o texto utilizaram-se os elementos indicados por GUSSO (2005) que são os indicadores de um novo início, indicadores de término e os indicadores que aparecem ao longo do texto, revelando uma unidade de pensamento.

A passagem compreendida entre os versos 6-11 do capítulo 2 de Filipenses é um hino cristão antigo (CHAMPLIN, 2002) e foi interpretado em função do esquema descendente-ascendente de divindade, com base na entrega da glória divina de Cristo a fim de viver na terra como homem e sofrer. Sendo um hino citado por Paulo temos uma delimitação de texto para seguir adiante com análise.

Segundo Weigärtner (1992) há realmente indícios de ritmo e peculiaridades que levam a crer que este era um hino existente, principalmente o paralelismo entre os versos 6-8 e 9-11.

No versículo 5 Paulo orienta os leitores da carta quanto a ter a mentalidade de Cristo. Este versículo é então uma introdução que leva a aos versos seguintes, tendo eles uma unidade.

A mentalidade a que Paulo se refere está explícita no hino, a missão de Cristo foi feita sem que ele procurasse honra, nem poder, como pensavam seus discípulos. Ele sabia do sofrimento que iria enfrentar, mas foi por este meio que ele desempenhou sua missão salvadora. Por isso, não salva a humanidade pelo caminho da expiação, mas pela humilhação.

2. O TEMA GERAL DA PASSAGEM

Ao escrever a epístola aos filipenses, Paulo se encontrava preso, corria risco de vida e estava distante de muitos irmãos e amigos, além de passar por dificuldade financeira. Mesmo estando em severas dificuldades ele enfatiza a alegria, a gratidão e ainda instrui os cristãos acerca do comportamento que deviam ter.

A Carta aos Filipenses é em muitos aspectos a mais bela carta de Paulo, pode-se perceber nela a ternura, gratidão, calor e afeição pelos destinatários. O estilo usado por Paulo é espontâneo, pessoal e informal. Filipenses apresenta-nos um diário íntimo das



próprias experiências de Paulo. Esta carta foi escrita em circunstâncias difíceis, enquanto o grande apóstolo estava preso.

Na carta aos Filipenses Paulo demonstra por eles o seu amor e apreço, uma vez que os crentes da cidade de Filipos gozavam da amizade de Paulo. Ao escrever ele mostra esse amor e demonstra preocupação em ensinar a eles alguns pontos importantes da teologia cristã. Tais ensinamentos tornam-se base para a discussão de conceitos relevantes na teologia atual.

Paulo defende a abnegação sendo que os cristãos não podem se esquecer que a santificação bíblica não ocorre somente pela oração ou por força de vontade, mas também de obedecer a vontade de Deus e seguir o exemplo de Cristo.

Muitos reinos tinham caído por causa do egoísmo e da ganância. Mas o reino do céu estava estabelecido no serviço desinteressado aos outros.

Para encorajar os filipenses a praticar a autonegação, na perícopes selecionada ele cita o exemplo supremo de Cristo. Sendo esta a única passagem de Filipenses que contém uma mensagem doutrinária, Paulo faz uma declaração cristológica das mais importantes do Novo Testamento.

Jesus mesmo sendo Deus desde a eternidade não se apegou a isso e não se recusou a humilhação de ficar temporariamente como ser humano para redimir o homem. Além disso, ele foi obediente para morrer na cruz, sendo essa a pior condenação para um criminoso da época. É um quadro de humilhação progressiva até a morte na cruz. Em seguida, vem sua exaltação acima de toda a criação.

Afirma-se que esta passagem não é originalmente uma é uma formulação de Paulo, mas era um hino conhecido quando foi escrita a carta. O contexto é de celebração da trajetória de Jesus de sua vinda a terra ate subir aos céus como Deus ressuscitado. O Apóstolo o adapta à realidade da comunidade para mostrar como deve ser o modo de pensar e agir do cristão.

O hino é composto por dois movimentos. Um de cima para baixo, que descreve o caminho de Jesus, que inicia na nobreza



divina e então desce para as profundezas da existência humana até a morte de cruz. E o outro de baixo para cima, ao voltar com mais glória para as alturas e assim tornar-se Senhor do universo. Jesus tornou-se solidário com o sofrimento humano e desceu nos níveis mais baixos da existência humana, até a morte de cruz para ser exaltado. O hino conclui com a seguinte profissão de fé: “Jesus é o Senhor”.

Paulo mostra qual é o verdadeiro evangelho da cruz, o Evangelho autêntico, e apresenta em Cristo o modelo da humildade. Embora tivesse a mesma condição de Deus, Jesus apresentou-se entre os homens como simples homem.

Ao abordar o esvaziamento a versão da Nova Tradução da Linguagem de Hoje afirma que ele “se fez nada” já a variante apresentada pela Nova Versão Internacional assegura que ele “esvaziou-se a si mesmo” sendo esse um sentido mais literal. Neste ponto se inicia a discussão do quanto Jesus se esvaziou; se foi de uma característica divina ou todas, gerando muita confusão e heresias.

A teoria chamada *kenosis* assegura que Cristo deixou de lado seus atributos divinos, seu direito ao senhorio para se tornar homem e vir a terra. Mas os atributos divinos é que fazem Deus ser Deus. Quando Paulo escreve que Cristo se esvaziou, ele não pretende dizer literalmente que Cristo tirou sua divindade, ele ainda era Deus quando veio a terra em sacrifício, sendo que a ideia é lembrar a humildade de Cristo. Cristo se esvaziou, se despojou de a si mesmo, ao se encarnar ele na verdade se submeteu a providencia e autoridade divina, como qualquer ser humano e também usando a disciplina e obediência. Ele poderia usar sua igualdade com Deus para exaltação, mas antes preferiu usá-la para sua própria humildade, conforme pensamento de Robbins (1980).

Conforme o pensamento de Martin (1985) o texto do hino diz que Cristo identificou-se com a humanidade não redimida e ainda escravizada e por isso ele nasceu a semelhança dos homens, mas a expressão usada no versículo 7 quer dizer que embora ele



tenha nascido homem, ainda assim foi diferente de todos os homens. Devido a grandeza do fato, é como se o hino relutasse em dizer que Cristo se tornou homem total. Cristo aceitou a condição de servo, sem direitos e privilégios para como os servos de Deus trilhar o caminho da obediência no sofrimento.

A morte de cruz é o último limite da vida de obediência e de auto-entrega de Cristo, essa anotação foi possivelmente feita por Paulo e adicionada a sua citação do hino, no intuito de enfatizar seu comentário aos filipenses. Em uma cidade romana este comentário produziu com certeza muita aversão, uma vez que para os romanos somente a camada mais baixa da sociedade (escravos) morria por crucificação. O intuito de Paulo é mostrar que Cristo se entregou ao máximo da submissão.

Por conta do sacrifício e da submissão de Cristo, Deus o exaltou acima de tudo, no mais alto lugar, para que todos o adorem. O verbo que Paulo utiliza *hyperhypsoun* pode dar a entender que Deus exaltou o nome de Cristo em um lugar mais alto do que ele estava antes de seu sacrifício. Em sua pré-existência Cristo era o Filho de Deus, e depois de exaltado se torna Senhor.

A confissão de que Jesus Cristo é o Senhor é o ponto mais alto do hino e também do drama da salvação, a exaltação é muito mais que um prêmio, é o fim de uma história e o começo de uma nova era que se inicia na Igreja e no mundo. Considerando sempre que o senhorio de Cristo em nada compete com a monarquia de Deus, pois Cristo rege para a glória de Deus Pai.

Paulo já compreendia que os dias do Messias na terra não se caracterizavam por um reinado em trono terreno, mas pelo reinado de Cristo a direita de Deus, conforme aponta BRUCE (2003). Este autor ainda ressalta que Paulo tinha pleno entendimento que “a direita de Deus” era uma metáfora que denotava autoridade suprema e para não criar confusão sobre o sentido físico dessa expressão, ele preferiu utilizar o termo: *sobremaneira exaltado.*, dotado do nome que está acima de todo nome.



3. EXPRESSÕES IMPORTANTES

Neste ponto do trabalho é importante salientar algumas palavras que dão grande importância ao texto, pois a exegese preocupa-se com o significado das palavras e expressões na tradução de um texto, visto que podem alterar a interpretação.

Lembrando que cada termo possui um significado que é também ditado pelo contexto em que está inserido.

Aqui, algumas palavras serão analisadas, sendo elas: a palavra “forma” que aqui merece uma atenção especial, uma vez que diz respeito a natureza de Cristo, e a sua encarnação. A palavra humilhação, que se refere a postura humilde de Cristo em aceitar o plano divino e vir a terra; e por fim uma análise da palavra escravo que Paulo usa para dar ênfase ao esvaziamento divino que Cristo passou.

3.1 Forma

Eidos é uma palavra grega utilizada para se falar de forma; aparência externa ou vista. O substantivo *eidos* se vincula com o verbo *eidó* e significa aparência, forma visível. Segundo a distinção moderna entre o externo e o interno é inapropriada para este aspecto no pensamento grego.

Mas no texto em questão a palavra forma é *morphé*, que ocorre raramente no Novo Testamento. Sendo que neste caso ocorrem duas citações, como *morphé theou* (forma de Deus) e *morphé doulou* (forma de servo, escravo). Declara-se que Cristo estava em *morphé theou*, em forma de Deus, assim pode-se concluir que a natureza essencial de Cristo é divina, ele não era cercado da glória de Deus, mas tinha a mesma forma que Deus. Pode-se afirmar acertadamente que fora a sua natureza humana Cristo não tem outro modo de existência a não ser a divindade. Ao encarnar o modo de ser de Cristo foi alterado.



Cristo encarnado viveu como servo e essa condição de servo pode ser entendida de algumas maneiras distintas. Ele pode ser visto como servo do Senhor, como no caso do servo sofredor apresentado pelo profeta Isaías, sendo, portanto o título de servo um título de honra. Outra visão é entender a palavra servo é como Cristo estando sujeito a escravidão e ao domínio dos elementos do mundo, assim como qualquer ser humano.

Ao falar de forma citando o hino Paulo revelou a sequência de eventos para a salvação da humanidade e assumiu que Cristo abriu mão do seu modo divino preexistente para vir à existência terrestre da qual a natureza essencial era a servidão.

Martin (1985) afirma que a melhor tradução para esta palavra, considerando o contexto, é “modo de ser”. Robbins (1980) questiona a que forma o apóstolo se referia se era a pré-existência de Cristo.

3.2 Humilhar

Conforme Coenen (2000, p. 979) os membros deste grupo de palavras aparecem 34 vezes no Novo Testamento. O verbo **tapeinoó** representa em todas as suas variedades de sentido o significado de nivelar, humilhar, tornar pequeno nas formas social, econômica e políticas. Há menção na leitura secular sobre a humilhação a qual as pessoas se sujeitavam ao cobrir suas cabeças para adorar os deuses, no séc I d.C.

Na descrição da obra de Cristo desde seu auto-esvaziamento até sua humilhação, sendo que neste ponto decisivo o acréscimo de Paulo como sendo morte de cruz, o segundo ponto chave do hino se encontra nesse termo, humilhar. “todas as linhas principais da proclamação do controle soberano de Deus sobre a história são focalizadas na medida em que recebem seu cumprimento” (COENEN, BROWN, 2000 p. 980).

Deus zela para cumprir o que prometeu, a humildade e disposição de servir de Cristo, o conformar-se com algumas situações e posições e ser exemplo, sua auto-humilhação tem dois



pontos importantes que merecem destaque, sendo eles: 1 - Jesus foi obediente até a morte, ainda mais sendo de cruz; 2 - Jesus só tinha o respaldo da palavra, das promessas da fidelidade de Deus, e assim crendo na soberania e fidelidade divina, humilhou-se em favor da humanidade.

3.3 Escravo

Doulos e seus cognatos aparecem com mais frequência nos escritos do apóstolo Paulo do que nos demais livros do Novo Testamento.

Para melhor compreender seu sentido, é importante analisar o que a palavra significava naquela sociedade.

O escravo eventualmente poderia exercer uma posição de comando sob os demais, mas ainda assim devia obediência exclusiva e absoluta ao seu senhor. Mesmo que o escravo fizesse um bom trabalho não era merecedor de lucros ou agradecimentos, uma vez que estava cumprindo com sua missão. Conforme apontamentos de Coenen (2000) nas parábolas de Jesus o emprego de **doulos** se refere para descrever o relacionamento de Deus com todos os homens. Paulo em seu legado afirma que é preferível a liberdade em Cristo, conforme I Co 7.21.

Mas há muitos problemas sociológicos que implicam nessa questão. Jesus revela que todos os homens que estão fora da salvação são ainda escravos do pecado, **doulos téis hamartias**, neste caso ninguém pode se libertar sozinho, como ocorria na época de um escravo poder comprar sua liberdade, no caso espiritual somente Cristo pode libertar a pessoa, mediante seu sacrifício.

Doulos também pode ser empregado no termo de servidão, nesse caso, o próprio Paulo se considera um servo de Cristo Jesus, **doulos Christou Iesou**. O que muda nesse caso é a natureza subordinada, obrigatória e responsável do seu serviço no relacionamento para com seu Senhor. Adiante da perícope



selecionada, no versículo 22 de Filipenses 2, Paulo se considera escravo de todos no serviço do evangelho.

Esta avaliação da palavra **doulos** traz uma luz para a perícopé aqui estudada, uma vez que Cristo se despojou, tomando forma de servo. Aqui as palavras **morphen doulou labon** tem sua significância expressada de forma sublime. Ao tornar-se homem, Jesus pré-existente toma a forma, **morphé**, de um servo, **doulos**. O essencial aqui vai além da obediência de Cristo em ser o servo do Senhor, **'ebed YHHW**, de Isaías menciona no capítulo 53. O importante é que quando Cristo assume a forma de um escravo ele se sujeita a lei e a morte, mas Ele leva sobre si a maldição dessa lei. Ele se faz irmão dos homens, que conforme Hb 2.15 pelo pavor da morte estavam sujeitos a escravidão por toda vida.

É a forma do servo que descreve a encarnação de Jesus como sua auto-humilhação, assim Jesus desmascara a escravidão gerada pelo pecado, pois somente Jesus pode redimir o homem da escravidão do pecado, uma vez que ele se fez servo e venceu a morte.

Este termo determina a dependência e sujeição forçada de uma pessoa à outra. Geralmente com sentido negativo e depreciativo, tendo como antônimo a palavra Senhor. Conforme Coenen e Brown, na passagem em questão esta palavra se assemelha ao cativo, que o salmista proferiu em Salmos 68.18 “Tu subiste ao alto, levaste cativo o cativo, recebeste dons para os homens, e até para os rebeldes, para que o SENHOR Deus habitasse entre eles”.

5 ANÁLISE HISTÓRICA

Conforme Fee (2008) aponta, a própria natureza das Escrituras exige que o exegeta busque compreender o contexto histórico dos textos. O Novo Testamento foi escrito em partes e cada texto foi elaborado em uma estrutura de tempo e espaço no século I d.C.



Os leitores, primeiros destinatários dos evangelhos e cartas partilhavam da cultura dos autores e tinham conhecimento do momento histórico em que estavam inseridos. Não havia a necessidade de se explicar tudo; ao abordar um assunto o autor pressupunha que seus leitores tinham a mesma cultura.

5.1 Origem do Hino

A igreja cristã nasceu num contexto marcado por cânticos, um despertar religioso é marcado por louvor e adoração, expresso constantemente através de cânticos.

O cântico cristão não foi criado pela igreja primitiva, uma vez que ela teve seu berço no judaísmo, e tomou dele emprestado muitas das suas formas de adoração no templo e sinagoga. Os primeiros crentes tinham o desejo de expressar sua adoração pela música cantata, assim como o próprio Jesus cantara (Mt 26.30).

Fórmulas litúrgicas em aramaico e hebraico faziam parte das celebrações comunitárias em orações, salmos e hinos. Anderson (1989) nos informa que os hinos muitas vezes conservavam as estruturas e estilos dos antigos salmos, celebrando a manifestação de Cristo, sua morte e ressurreição.

Prado (1989) defende que a origem do hino foi na própria comunidade de Filipos, e Paulo o utiliza para enfatizar os ensinamentos doutrinários que queria passar a esta igreja. Já Légasse (1984) acredita que a origem do hino é em aramaico e em uma comunidade mais antiga da Palestina, como a Síria e Paulo possivelmente tenha recolhido esse hino em sua forma grega em sua estada pela Antioquia, onde teve contato com uma comunidade judaico-cristã.

Outros pesquisadores e estudiosos atribuem a possível origem do hino a judeus gnósticos ou a adaptação feita pela comunidade helenística do mito da redenção.

Contudo a opinião mais sensata é apresentada por Martin (1983) que ao desenvolver um estudo dos hinos cristológicos argumenta que eles eram criação da igreja e não uma releitura de



textos messiânicos. Os hinos eram usados para a adoração e para combater o gnosticismo que negava o senhorio de Cristo. As referências da preexistência de Cristo se justificam dessa forma, ensinando e mostrando que Cristo já existia antes da fundação do mundo e já participava desde então da glória de Deus.

Então sobre o contexto histórico do hino aqui estudado pode-se concluir que a origem do mesmo se dá em uma comunidade cristã judaico-helenista com a finalidade de adorar ao Senhor e ao mesmo tempo combater doutrinas adversas e contrárias ao cristianismo.

Considerações Finais

O objetivo da exegese é descobrir o sentido único do texto para os receptores originais, mas acredita-se que indo além podemos extrair valiosas lições e aproveitar a mensagem para os dias atuais.

Embora Paulo não achasse necessário censurar os cristãos em Filipos, achou preciso dar-lhes boa admoestação edificante quanto à maneira correta de pensar, bem como quanto à conduta e ao zelo corretos, tudo o que é muito oportuno para os nossos dias.

Paulo chama seus leitores a terem a mente de Cristo, não por curiosidade, mas para a transformação de suas vidas. Estas palavras de Paulo exortam-nos ainda hoje a estar unidos em amor e compaixão, não fazendo nada por nós mesmos, mas, ‘com humildade mental, considerando os outros superiores a nós’. Cada cristão tem uma tarefa a cumprir no mundo e este deve ser o nosso pensamento ao realizar qualquer tarefa, considerar nosso próximo mais que a nós mesmos, seja em um serviço de evangelização ou de caridade. Para reforçar a sua admoestação, Paulo enfim cita o exemplo e a recompensa de Jesus.

Quão apropriados são tais conselhos para os nossos dias, onde o egoísmo impera e a geração de pessoas autossuficientes acredita que seu bem estar deve estar acima de tudo.



Pode-se concluir que Jesus existia na mesma forma que Deus Pai, mas abriu mão dessa forma para tomar a forma de ser humano, não deixando de ser Deus, era plenamente divino e humano e essa união de naturezas. No texto que Paulo apresenta tem-se a confirmação da completa humanidade de Jesus, que embora fosse Deus, se humilhou e aceitou a condição humana.

Jesus proclama que o verdadeiro sentido de grandeza é tornar-se servidor. Assim, quando Jesus fala no serviço, ele toma a humilhação, e ao se colocar na condição mais baixa, se entrega em resgate pela humanidade, a fim de que ela entre na glória do Pai. Cristo é exaltado e honrado não somente quando o adoramos e proclamamos em alta voz que ele é Senhor, mas também a cada vez que seus servos o imitam e evidenciam que assimilaram seu caráter, dando assim bom testemunho de cristãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**, Nova Versão Internacional, São Paulo, Sociedade Bíblica Internacional e Editora Vida, 2000.

BRUCE, F. **Paulo**: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

CHAMPLIN, R. N. **O Noto Testamento Interpretado Versículo por Versículo. Vol 5**. São Paulo: Hagnos, 2002.

COENEN, Lothar. BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Trad Gordon Chown. 2º Ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GUSSO, Antonio Renato. **Gramática Instrumental do Grego: do alfabeto à tradução a partir do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.



HARRINGTON, Wilfrid J. **Chave para a Bíblia**. São Paulo: Paulus, 1985.

HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática**, uma perspectiva pentecostal. CPAD: Rio de Janeiro, 1996

LACOSTE, Jean-Yves (Org.). **Dicionário crítico de teologia**. Trad. Paulo Meneses. São Paulo:Paulinas: Loyola, 2004.

MARTIN, Ralph. **Filipenses**: Introdução e comentário. São Paulo: Mundo cristão, 1985.

MIRANDA, Mario de França. **A salvação de Jesus Cristo** – a doutrina da graça. São Paulo: Loyola,2004.

MOULTON, Harold K. **Léxico Grego Analítico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

Novo Testamento interlinear grego-português. Barueri, SP: SBB, 2004.

PENNISI, João. **O livro de filipenses**. São Paulo: Vida cristã, 1978.

ROBBINS, Frank. **Filipenses**: Alegrense em El Señor. Texas, EUA: Casa Bautista de Publicaciones, 1980.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

WEINGÄRTNER, L. **Filipenses**. Curitiba e Belo Horizonte: Editora Encontrão e Missão Editora, 1992.

